

STULTIFERA COMPANHIA DE TEATRO: intelectualidade em ato e corpo

Sou Jean Carlos Sanchez, psicólogo, diretor de teatro e egresso da primeira turma do curso de Psicologia do Uni-Brasil. Iniciei minha trajetória na instituição em 2007, quando os pilares do curso estavam sendo lançados. Hoje, vejo com imenso orgulho a grandeza que ele alcançou: inúmeras turmas ativas, um corpo docente consistente e uma comunidade estudantil incandescente. Tenho grande honra em fazer parte dessa história. Desde aquele período, minhas inquietações já transitavam pelas intersecções entre psicologia e as artes, sobretudo o teatro.

AUTOR:

Jean Carlos Sanchez – psicólogo e diretor da Stultifera Companhia de Teatro.

Hoje, 13 anos após minha formação, sou o diretor artístico da Stultifera Companhia de Teatro, grupo profissional sediado em Curitiba, que se destaca por suas criações fundamentadas em pesquisa teórica, simbolismo e forte corporeidade, com uma abordagem centrada em questões psicológicas, filosóficas e sociais.

O nome Stultifera vem do latim Stultifera Navis — os navios da loucura que, na Idade Média, lançavam ao mar os chamados “insensatos”: os que ousavam pensar diferente, questionar, sonhar. Entre eles, os artistas.

É essa figura do artista insensato, aquele que desvia da norma e amplia os limites do sensível, que me inspira. Meu trabalho à frente da companhia busca evidenciar os traços de insanidade que permeiam o cotidiano do cidadão contemporâneo, tensionando os limites do que se entende por normalidade e razão — limite que encontramos nas artes e na psicologia.

Tenho como força propulsora a convicção de que a intelectualidade transformada em ATO pode romper com a clássica cisão entre corpo e mente proposta por Descartes.



A linguagem teatral como tradução sensível do Saber

Fundada em 2018, a Stultifera Companhia firmou as bases de uma investigação artística voltada à transposição de conceitos acadêmicos para o terreno sensível da linguagem teatral.

Esse processo se dá por meio da dramaturgia, da encenação e do trabalho do ator, buscando formas estéticas e viscerais de abordar temas próprios da intelectualidade e da condição humana.

Sensibilidade é uma palavra-chave em nosso percurso. Quero que nossas criações sejam assimiladas a nível dos nervos — experiências encarnadas, que envolvam o corpo por inteiro, não apenas o intelecto. A proposta é reviver os sentidos exauridos de um corpo submetido à lógica da produtividade, à ditadura da performance e à hiperexposição digital, que têm esvaziado a empatia e fragilizado os vínculos humanos. Em 2024, impulsionado pela experiência pandêmica e pela intensa demanda clínica online — período em que nossas vidas se reduziram a telas tecnológicas, diante da catástrofe global que ceifou mais de 15 milhões de vidas —, propus como resposta estética, retornando às telas de pintura, o espetáculo *Entretelas*. A montagem narra a história da loucura por meio de quadros icônicos da história da arte. Atravessamos tempos e estilos: dos desenhos rupestres das cavernas de Lascaux à visão apocalíptica de Hieronymus Bosch na Idade Média, até a vida de Vincent van Gogh e seus girassóis flamejantes — cuja obra, de beleza comovente, foi durante muito tempo reduzida à expressão de distúrbios mentais, eclipsando sua potência criadora. Rótulos como “insano” acompanharam sua trajetória marcada por internações, mesmo sendo ele o autor de telas hoje leiloadas por valores que chegam a 82,5 milhões de dólares. *Entretelas* explicita as múltiplas variações históricas e políticas atribuídas à loucura, revelando como sua compreensão foi — e ainda

é — atravessada por interesses de poder e lógicas econômicas.

O espetáculo convida o público a refletir sobre os modos como a sociedade patologiza a sensibilidade e neutraliza, por meio do diagnóstico, aquilo que escapa à norma.



O retorno

Em 2025, com o desejo de ampliar o diálogo com a comunidade acadêmica e impulsionado pelo compromisso com a formação de plateia, propus à Stultifera iniciar a itinerância da peça Nau dos Insensatos por universidades de Curitiba. A peça traz a imagem de um barco repleto de figuras insanas, debatendo temas como a reforma psiquiátrica e o lugar da loucura na sociedade e é, de certa forma, uma autobiografia poética do próprio grupo.

Prontamente, o UniBrasil acolheu nossa proposta. No dia 21 de maio deste ano, durante a Jornada Acadêmica de Psicologia, vivemos uma noite vibrante: o auditório lotado, alunos e professores presentes, a cena pulsando. Apoteótico! Retornar à instituição com um trabalho artístico que sintetiza minha trajetória é, para mim, um gesto de devolução simbólica — um agradecimento a tantos mestres que investiram em minha formação.



Arte e universidade: uma aliança pela formação humana

Acredito profundamente que uma formação universitária verdadeiramente transformadora é aquela que reconhece o estudante como ser humano integral — e não apenas como futuro profissional. Formar psicólogos cultos, sensíveis, politicamente conscientes e com alta capacidade de compreender a complexidade do mundo é o que pode fazer frente a um tempo que insiste em reduzir tudo à técnica.

A Arte tem uma função fundamental nesse processo. Ela desenvolve imaginação, empatia, criatividade e sensibilidade, complementando a formação acadêmica com uma dimensão existencial. Mais do que transmitir conteúdos, a arte instiga perguntas, desafia o senso comum e abre brechas para que a subjetividade floresça. Vivemos um tempo

em que as manifestações subjetivas são rapidamente transformadas em diagnósticos.

Essa taxonomia apressada ameaça sufocar a exuberância da psique — que também deve ser entendida como ARTE. No neoliberalismo, que reduz tudo à rentabilidade, a pressa em nomear patologias apazigua, de forma perigosa, uma crise criativa que, para nós artistas, é vital. Observamos também que, no Brasil, a relação entre arte e os movimentos estudantis sofreu um distanciamento significativo, sobretudo após o período da ditadura militar. No entanto, é fundamental lembrar que grande parte da efervescên-

cia cultural que define a arte brasileira contemporânea nasceu da fricção entre arte e educação, conscientes do contexto opressor com o qual estavam se confrontando: o Cinema Novo, o Teatro de Arena e a própria Música Popular Brasileira. Nossa mensagem, por meio da existência da Stultifera Companhia de Teatro e da peça Nau dos Insensatos, é esta: estamos todos no mesmo barco! Utilizamos a tecnologia ancestral do palco. Estimulamos a potência do encontro. Cremos que o teatro propicia a assimilação do conhecimento no nível dos nervos, incorporando valores e criando uma relação palco-plateia capaz de atuar no REAL.





UNIBRASIL

CENTRO UNIVERSITÁRIO